

FH se irrita com adolescentes em programa de TV

Estudantes acusaram o presidente de fugir das perguntas. 'Não estou tirando o corpo fora', respondeu ele, aborrecido

Sérgio Andrade

Adriana Vasconcelos, Ana Paula Macedo e Débora Ribeiro

● BRASÍLIA e SÃO PAULO. O presidente Fernando Henrique Cardoso perdeu a paciência ontem à tarde ao ser sabatinado por estudantes secundaristas de São Paulo, durante participação ao vivo no "Programa livre", apresentado por Serginho Groisman, no SBT. Da biblioteca do Palácio da Alvorada, Fernando Henrique se dispôs a responder por mais de uma hora as perguntas dos adolescentes, que centraram o debate em temas sociais. O presidente falou de drogas, aborto, pena de morte, desemprego e eleições, culpou Mário Covas e Almir Gabriel (governadores do seu partido), respectivamente pela falta de professores na rede pública de São Paulo e pelo massacre dos sem-terra em Eldorado dos Carajás, no Pará. Ainda assim, o presidente acabou se sentindo desrespeitado.

Ele chegou a bater boca com os jovens, quando foi acusado de estar fugindo das questões mais polêmicas, como a aliança do Governo com partidos da direita. Fernando Henrique abandonou a liturgia do cargo e passou uma descompostura no estudante que contestava suas respostas.

— É muita arrogância dizer que eu não estou respondendo. Estou tentando explicar as coisas. Eu poderia dizer que sua pergunta não tem pé nem cabeça, que sou o presidente da República e não devo nem responder. Você precisa abrir sua cabeça. Estou há uma hora falando com a maior satisfação e você vem e diz ao presidente da República que ele não está respondendo às perguntas. E depois faz uma pergunta sem pé nem cabeça. Isto é demagogia e não se deve fazer demagogia nem quando se é jovem. Fica mal. Você é jovem, faz pergunta meio confusa somente porque está falando com o presidente da República. Seja mais humilde. Fale de igual para igual comigo, não de superior para inferior. Eu agüento. Mas não pega bem — ralhou o presidente, provocando gritaria no estúdio, em São Paulo.

Estudantes não se intimidam e chamam presidente de "você"

Perguntas diretas e incisivas, muitas vezes feitas em tom crítico e desafiador, deixaram Fernando Henrique desconcertado, ao mesmo tempo em que ele tentava demonstrar estar muito à vontade. Na platéia com cerca de 450 estudantes das classes média e alta, muitos não se intimidaram e trataram o presidente por "você", enquanto poucos fizeram questão de iniciar a pergunta com um respeitoso "senhor presidente". Em certo momento, Fernando Henrique disse que o debate se tratava de uma "luta desigual".

Demonstrando pouco interesse na campanha pela reeleição e nas articulações políticas — apenas uma pergunta sobre o assunto foi feita pelos jovens e ganhou vaia —, os jovens centraram sua preocupação no desemprego, na educação, na miséria e até na nomeação do general Ricardo Fayad

como sub-diretor de Saúde do Exército, apontado como torturador durante o regime militar.

Bastante aplaudido no início pela maioria, Fernando Henrique tentou não perder o humor quando a estudante Nívia Teixeira Pereira, de 15 anos, levantou-se e, desafiadora, cobrou do presidente, com firmeza, soluções para a questão social, que teriam sido "deixadas de lado".

— A saúde está ruim, o Brasil tem um alto índice de evasão escolar, o desemprego é recorde e, ainda por cima, você mantém um torturador no Ministério do Exército. E quanto às promessas de campanha? — perguntou, ganhando aplausos da "torcida".

Fernando Henrique se defendeu, dizendo que dobrou os gastos com saúde pública e que o programa "Toda Criança na Escola" é um sucesso, afirmando ainda que ela estava mal informada, porque os maiores benefícios de seu governo estão sendo direcionados para os mais pobres e que os estudantes presentes na platéia — matriculados em seis boas escolas de São Paulo — não sabem o que é feito em favor dos pobres. Neste momento, a platéia não gostou, mas não vaiou.

"A coisa mais gostosa do mundo é falar mal do outro"

Fernando Henrique tentou corrigir várias vezes informações usadas pelos estudantes nas perguntas. Em alguns momentos, contestou de maneira enfática dados apresentados pelos jovens, como faz com adversários políticos. Logo na terceira pergunta, que tratou dos compromissos firmados na campanha de 1994, chegou a dizer que perdoava uma estudante por citar informações equivocadas e fora da realidade. Tentando disfarçar a crescente irritação, brincou:

— A coisa mais gostosa do mundo é falar mal do outro. Se for para falar mal do Governo, até eu entro. Se for de mim, fico um pouco caladinho.

Diante da insistência da platéia em cobrar respostas mais diretas, Fernando Henrique lembrou que o presidente não pode ser responsabilizado por tudo.

— Não sou governador de São Paulo, prefeito ou diretor de escola. A gente precisa começar a se acostumar. É questão de cidadania saber de quem cobrar. Sou apenas presidente da República — minimizou ele, ao ser indagado sobre a falta de professores na rede estadual de São Paulo. — Não adianta só protestar. Eu já protestei contra o massacre de Eldorado de Carajás. Contra a pobreza? Já protestei. Se a questão é de protestar, de gritar, eu também grito. Mas vamos tentar entender para melhorar. Não estou tirando o corpo fora. Protestar é necessário, mas quem é presidente precisa encaminhar uma solução. É o que tento o tempo todo.

Apesar do embaraço no fim do programa, a avaliação no Palácio do Planalto foi a de que a experiência valeu como teste:

— Adoro programa de auditório — comentou o presidente. ■



DURANTE O 'PROGRAMA livre' o apresentador Serginho Groisman olha para o telão que mostrava Fernando Henrique: o presidente ficou irritado